

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jornada APOIAR (12.: 2014: São Paulo)

Anais da XII JORNADA APOIAR: A CLÍNICA SOCIAL - PROPOSTAS, PESQUISAS E INTERVENÇÕES realizada em 5 de Dezembro de 2014 em São Paulo, SP, Brasil / organizado por Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. Tania Maria José Aiello Vaisberg - São Paulo : IP/USP, 2014

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-86736-59-9

1. 1 1. Psicologia clínica 2. Psicologia Social 3. Direitos Humanos

4. Clínica I. Título.

RC467

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-86736-59-9



# EXPERIÊNCIA EMOCIONAL DE ADOLESCENTES QUE SOFRERAM PERDA DE COÊTANEOS

*TOMÍRIS FORNER BARCELOS*

*TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG*

## Resumo

A presente comunicação tem como objetivo refletir sobre achados de pesquisa qualitativa, com método psicanalítico, que focalizou as repercussões emocionais, entre coetâneos, derivadas da morte acidental de uma adolescente, antecedida por um período de aproximadamente três meses em estado de coma. Justifica-se pelo fato de mortes de adolescentes por causas externas, como acidentes e homicídios, configurarem-se como um problema de saúde pública, que adquire contornos peculiares quando ocorrem em contextos de precariedade social. Tais mortes correspondem a fenômenos complexos e multifacetados, que geram efeitos não apenas sobre famílias, escolas, instituições e sociedade, mas também sobre o grupo de convivência próxima. Destacaremos, aqui, termos percebido, a partir do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, em entrevista grupal, que este tipo de perda tende a ser significada como indicio que fortalece crenças na impossibilidade de futuro favorável e esperançoso.

**Palavras-Chave:** Adolescência; Morte; Experiência emocional; Procedimento Desenho-Estória com Tema

## 1. Pinceladas sobre um contexto

A ocorrência de morte por causas externas, na adolescência, é assunto de alta complexidade, que merece ser focalizado desde diferentes perspectivas. Escolhemos estudar psicanaliticamente o impacto que a morte do membro de um grupo pode ter nos colegas que sofrem esta perda. O tema, em si bastante relevante, ganha importância quando nos lembramos do aumento do fenômeno (KOVACS, 2005; 2010; 2013; MARTINS, 2013).

O que os estudos têm mostrado é que os principais fatores associados a essas mortes de adolescentes por causas externas são: fatores socioeconômicos, estrutura familiar, ambiente doméstico, etnia da vítima, uso de bebidas alcoólicas e substâncias

químicas, entre outros. Percebemos, assim, que as condições de precariedade social parecem aumentar a chance de morte entre adolescentes. Acreditamos que estejam ligadas a essa constatação, as dificuldades de subsistência, tais como baixa renda, dificuldade em ter algum responsável para cuidar dos filhos, que muitas vezes ficam sozinhos ou sob cuidado de irmãos mais velhos, a baixa escolaridade, e a violência à qual estão expostos, bem como fatores ambientais desfavoráveis - ruas sem asfalto, falta de saneamento básico ou condições habitacionais precárias (VERMELHO; JORGE, 1996; MOREIRA; CRUZ NETO; SUCENA, 2003; BARROS; XIMENES; LIMA, 2001; KOVACS, 2005; MARTINS, 2013; WAISELFISZ, 2013).

## 2. O percurso metodológico

Temos adotado, em nossas pesquisas<sup>20</sup>, uma perspectiva crítica, buscando compreender a adolescência como fenômeno produzido social e culturalmente (BARUS-MICHEL, 2005; TARDIVO, 2007; PONTES, 2011; BARCELOS, 2014). Por este motivo, consideramos fundamental evitar sempre a abstração das condições concretas em que todas as manifestações humanas ocorrem (AIELLO-VAISBERG, 1999; AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2008).

Nossa linha de pensamento segue os fundamentos da Psicologia Concreta, tal como proposto por Politzer (1928) e difundido por Bleger (1963), ou seja, valoriza a realização de estudos que favoreçam a comunicação emocional do ser humano, em “primeira pessoa”, vale dizer, não objetivado. Os participantes são, portanto, abordados a partir de uma perspectiva eminentemente compreensiva, que corresponde à visão do fenômeno humano da conduta em termos da dramática do viver, em termos de biografia emocionalmente significativa (POLITZER, 1928).

Entendemos dessa forma, juntamente com Bleger (1963), que cabe à psicanálise estudar os fenômenos humanos compreendendo-os como condutas sempre dotadas de sentidos, por mais estranhas que possam parecer. Este autor valoriza o acontecer humano e

---

<sup>20</sup> A listagem completa desta produção pode ser encontrada no currículo lattes de Tânia Maria José Aiello Vaisberg e quase a totalidade dos trabalhos pode ser acessada livre e gratuitamente na *web*, especialmente nos sites [www.scielo.br](http://www.scielo.br), <http://www.teses.usp.br/>, [www.puc-campinas.edu.br](http://www.puc-campinas.edu.br) e <http://serefazer.psc.br/>

propõe que produzamos conhecimento, nas ciências humanas em geral, e na psicologia em particular, mantendo-nos maximamente próximos à concretude do acontecer.

Foi dentro desse contexto que decidimos estudar psicanaliticamente a experiência emocional de adolescentes, em situação de precariedade social, que vivenciam a perda de coetâneos, com os quais convivem proximamente, por morte devida a causas externas. Esta opção fundamenta-se no fato de acreditarmos que este conhecimento pode ter utilidade clínica, em termos psicoprofiláticos e psicoterapêuticos, bem como contribuir para o debate científico e social sobre a adolescência, sobre a morte na adolescência e sobre o adolecer em condições de precariedade social, temas que certamente se mesclam a muitos outros, de interesse ético e humano.

Realizamos então uma pesquisa qualitativa empírica, com uso do método psicanalítico, tal como vimos fazendo há anos em nosso grupo de pesquisa. Entendemos que o método psicanalítico, que repousa sobre atenção flutuante e associação livre de ideias, é uma das boas opções para o pesquisador da área da psicologia. Como bem demonstraram Politzer (1928) e Bleger (1958;1963), é perfeitamente possível atender as exigências de uma psicologia concreta a partir do uso do método freudiano.

Nossa tarefa metodológica mais árdua consistiu na busca de situações que envolvessem morte de membros de grupos de adolescentes que frequentam instituições de ensino não formal, escolas e outras instituições voltadas ao cuidado dos adolescentes. Resolvemos este problema pela manutenção de uma rede de contatos que se firmou naturalmente à medida em que temos investigado temas ligados à adolescência desde a iniciação científica. Assim, pudemos tomar conhecimento de informação sobre o atropelamento de uma garota, que entrou em estado de coma e posteriormente veio a falecer e que frequentava uma organização não governamental (ONG) com a qual mantínhamos contato.

Temos compreendido a experiência emocional como diferentes modos humanos de habitar campos de sentido afetivo-emocional que são ambientes relacionais. Outro conceito fundamental, a partir do qual buscamos ampliar nossa compreensão acerca dos fenômenos estudados, é o conceito de campos de sentido afetivo-emocional. Esses correspondem a mundos “psicológicos” humanamente produzidos, que podem ser habitados contínua ou transitoriamente. Um campo se produz a partir de atos puramente humanos, ou seja, condutas, e é a partir desse campo que novas condutas podem

emergir. Nessa perspectiva, a dimensão não consciente da experiência humana é, essencialmente, intersubjetiva, relacional (AIELLO-FERNADES, 2013; CORBETT, 2014; BARCELOS, 2014).

Desse modo, a partir de encontro com adolescentes que frequentavam a ONG, escolhidos pelo fato de termos a informação de que uma integrante havia sofrido um acidente e se encontrava em estado de coma, correndo risco de morte. Fizemos uma entrevista coletiva transicional, caracterizada pelo uso de um recurso mediador dialógico, o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (AIELLO-VAISBERG, 1999), tendo em vista facilitar a expressão subjetiva dos participantes. Na ocasião foram solicitados dois desenhos-estória, com os temas “um adolescente dos dias de hoje” e “esse adolescente daqui a dez anos”, a fim de nos aproximarmos da experiência emocional vivida pelos jovens em relação à perda da colega<sup>21</sup>.

Registramos este encontro por meio da elaboração de uma narrativa transferencial (AIELLO-VAISBERG; MACHADO; AYOUCHE; CARON; BEAUNE, 2009), que incluímos no corpus formado pelos desenhos e histórias. Este material foi considerado tendo em vista a criação/ encontro de campos de sentido afetivo-emocional.

### **3. Campos do Imaginário e Reflexões**

Nesta pesquisa, produzimos interpretativamente quatro campos de sentido afetivo emocional. O primeiro campo foi denominado “Quem será o próximo?” e se organiza ao redor da crença de que o mundo seria um lugar arriscado e perigoso, onde acidentes mortais ou incapacitantes poderiam acontecer de modo frequente. O segundo campo, “Aprisionado no acontecer”, organiza-se ao redor da percepção de que é impossível escapar de um acontecer, que se torna, então, interminável. Já o terceiro campo, que chamamos de “Mais do mesmo”, organiza-se em torno da crença de que o amanhã não passa de mera repetição do hoje. E por fim, o quarto campo, denominado “Por nossa conta e risco”, organiza-se ao redor da regra lógico-emocional de que crianças e adolescentes devem ser cuidados por adultos. Tais campos nos levaram a refletir sobre os efeitos impactantes que as condições de vida, profundamente marcadas pelo conhecimento precoce de muitas dificuldades e desilusões, podem acarretar.

---

<sup>21</sup> O material completo sobre esse estudo está disponível na dissertação de mestrado intitulada “A história da menina-morta: Des(esperança) de adolescentes em situação de precariedade social” (2014), que pode ser acessada no link <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-06112014-162535/pt-br.php>

Um ponto que chamou nossa atenção foi que os campos de sentido afetivo-emocional, produzidos interpretativamente, remeteram a questões relativas à impossibilidade de esperar um futuro pontilhado de boas oportunidades de realização. Foi possível constatar esta dificuldade tanto quando os jovens se apresentaram temendo morrer e perder amigos na juventude, como quando apresentam condutas emergentes ligadas a diversos modos em que o futuro se fecha: não há futuro porque o temor da morte domina o horizonte, sob a ameaça de interrupção da vida, não há futuro porque o tempo deixa de fluir ou ainda porque será mera repetição, fracamente dissimulada, do mesmo presente pouco gratificante. Esse tipo de constatação nos causa impacto de diversas formas, entre elas por ir numa direção contrária àquilo que Winnicott (1968/1975), dentre outros autores, que buscam contribuir para a compreensão da psicologia da adolescência, propõem como aspectos altamente relevantes da adolescência saudável, vale dizer o idealismo e a capacidade de sonhar com o porvir.

Preocupamo-nos com isso, pois acreditamos que quando as perspectivas se estreitam, criam-se condições que facilitam o surgimento de condutas imediatistas e arriscadas, que incluem, entre outras, por exemplo, uso abusivo de álcool e drogas ou exposição a doenças sexualmente transmissíveis. No entanto, não nos parece que tendem a comportamentos imediatistas e arriscados porque apresentam a “onipotência” como característica dessa fase da vida, tal como proposto por muitos pesquisadores (ABERASTURY; KNOBEL, 1970/1981, TAKIUTI, 2008, JORDÃO, 2008; ESPINDULA; SANTOS, 2004; 2009), mas sim pela dificuldade em poder se manterem esperançosos.

Também consideramos fundamental comentar o desamparo comunicado pelos adolescentes, pois acreditamos que os sentimentos de medo de morrer, de aprisionamento e estreitamento das perspectivas de futuro, possam estar direta ou indiretamente relacionados à experiências de não poder contar com sustentação de adultos, sejam estes pais, familiares ou educadores. Pudemos verificar, em nossa pesquisa, que quando nos abrimos para acolher manifestações emergentes, nossa presença integra um acontecer que ganha sentido como comunicação de uma falta. Paradoxalmente, ao expressarem sentimentos de estar abandonados à própria sorte, tendo que criar solitariamente recursos de enfrentamento da realidade, vivem, ainda que pontualmente, uma certa esperança no outro, que se dispõe, como o fizemos na ocasião da entrevista, a escutá-los com verdadeiro interesse e consideração. Isso parece indicar que, ainda que transitando por campos onde imperam medo, desamparo e desesperança,

guardam capacidades de transformação pessoal, o que, evidentemente, requer provisões ambientais suficientemente boas.

Temos aqui, a nosso ver, um aspecto fundamental, que é o reconhecimento, com o qual nos deparamos, da manutenção de capacidade de transformação pessoal. Sabemos, apoiadas na teoria winnicottiana, que o desamparo, a falta de confiança e a falta de esperança, indicam que o ambiente falhou e que, conseqüentemente, o desenvolvimento emocional pode ter ficado prejudicado. No entanto, apesar de nossos participantes terem se apresentado desconfiados, inseguros e desamparados, puderam apresentar-se como jovens criativos e brincantes durante a entrevista. Isso nos mostra que, sentindo certa confiança no ambiente proporcionado pelo encontro, os jovens participantes desse estudo, conseguiram se comunicar emocional e afetivamente de forma significativa. Terminamos citando Winnicott, em uma passagem que vai de encontro justamente com esse ponto que está sendo colocado, compreendendo que tal reflexão pode nos auxiliar a qualificar as práticas com os adolescentes:

“Que os jovens modifiquem a sociedade e ensinem aos adultos a ver o mundo com olhos novos, mas onde houver o desafio do rapaz ou da moça, que haja um adulto para aceitar o desafio” (Winnicott, 1968, p. 202).

## **Referencias Bibliográficas**

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (1970/1981). *Adolescência normal*. Trad. De Suzana Maria GaragorayBallve. 3ª ed. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, p.92.

AIELLO-FERNANDES, A. R. (2013). *“Da entrada de serviço ao elevador social”*. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de livre docência não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos. In: MONZANI, J.; MONZANI, L. *Olhar: Fabio Hermann - Uma Viagem Psicanalítica*. São Paulo: Ed. Pedro e João Editores/CECH – UFSCar, p. 311-324.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L.; AYOUCHE, T.; CARON, R.; BEAUNE, D. (2009). Les récits transférenciels comme présentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In: BEAUNE, D. (Org.). *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues*. Paris: L'Harmattan, v. 1, p. 39-52.

BARCELOS, T. F. (2014). *A história da menina-morta: (des)esperança de adolescentes em situação de precariedade social*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BARROS, M. D. de A.; XIMENES, R.; LIMA, M. L. C. de. (2001). Mortalidade por causas externas em crianças e adolescentes: tendências de 1979 a 1995. *Rev. Saúde Pública* [online], vol.35, n.2, p. 142-149. [citado 2014-02-05]

BARUS-MICHEL, J. (2005). Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência. In: *SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE*, São Paulo: USP. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000082005000100018&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100018&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 01 abr 2012.

BLEGER, J. (1958). *Psicoanálisis y materialismo dialéctico*. Buenos Aires, Nova Vision.

BLEGER, J. (1963/1984) *Psicologia da conduta*. Trad. De Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 244p.

CORBETT, E. (2014). *“Contos sem fadas”:* mães e filhos em situação de violência doméstica. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

ESPÍNDULA, D. H. P.; SANTOS, M. F. S. (2004). Representações sobre a adolescência a partir da ótica dos educadores sociais de adolescentes em conflito com a lei. *Psicologia em estudo*, v.9, n.3, p. 357-367.

ESPÍNDULA, D. H. P.; TRINDADE, Z. A.; SANTOS, M. F. S. (2009). Representações e práticas educativas de mães referentes a filhos atendidos pelo conselho tutelar. *Psicologia*

em *Estudo (Maringá)*, v. 14, n. 1, p. 137-147.

JORDÃO, A. B. (2008). Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. *Aletheia*, v. 21, n. 1, p. 157-172.

KÓVACS, M. J. (2005). Educação para a morte. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 25(3),484-497. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932005000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300012&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1414-9893.

KÓVACS, M. J. (2010). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo, Casa do Psicólogo.

KÓVACS, M. J. Educadores e a morte. *Psicologia Escolar Educacional*, Maringá, v. 16, n.1, jun., p. 71-81, 2012.

Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572012000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 dez. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100008>.

MARTINS, C. B. de G. (2013). Acidentes e violências na infância e adolescência: fatores de risco e de proteção. *Revista brasileira enfermagem* [online], 66(4), 578-584.

Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672013000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000400017&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0034-7167. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000400017>.

MOREIRA, M. R.; CRUZ NETO, O.; SUCENA, L. F. M. (2003). Um olhar sobre condições de vida: mortalidade de crianças e adolescentes residentes em Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública* [online], 19(1), 161-173. [citado 2014-02-05]

POLITZER, G. (1928/1994). A crítica dos fundamentos da Psicologia: A Psicologia e a Psicanálise. Tradução de Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba, Unimep, 194p.

PONTES, M. L. S. (2011). “A hora H”: O imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre a adolescência. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

TAKIUTI, A.D. (2008). Autocuidado: Adolescentes, os aprendizes da esperança. Coordenadoria do planejamento em Saúde do Adolescente, São Paulo. *Adolescência e*

*Saúde*, 3, p. 535-539.

TARDIVO, L. S. de L. C. (2007). *O Adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje*. São Paulo: Vetor, 171p.

VERMELHO, L. L.; JORGE, M. H. P. de M. (1996). Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (A transição epidemiológica para a violência). *Revista de Saúde Pública*, 30(4), 319-331.

WASELFISZ, J. J. (2012). *Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil*. 1ª edição.

WINNICOTT, D. W. (1968/1975) Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In: \_\_\_\_\_ *O Brincar e a Realidade*. Trad. José O. de A. Abreu e VanedeNober. Rio de Janeiro: Imago, p. 187-203.